

• 1 JUL 1987

Truman e Sarney

Paulo Kramer

Pouco antes de deixar seu posto em Brasília, nos primeiros meses da Nova República, o embaixador americano Diego Ascensio comentou com amigos que presidentes escolhidos não pelo voto mas pelo destino, como José Sarney, costumam tomar decisões e assumir comportamentos imprevisíveis, e, para ilustrar seu ponto, recorreu a uma analogia com um protagonista de grande relevo na política de seu país: o presidente Truman.

Na verdade, podem-se traçar paralelos entre as carreiras do maranhense Sarney e do missouriano Harry S. Truman, que dirigiu os Estados Unidos de 1945 a 1953, mas há também contrastes fundamentais entre as trajetórias desses dois nativos de touro, igualmente apaixonados pela política, devotados à família e tão leais aos amigos que, a condenar seus deslizes, prefeririam arranhar as próprias reputações. Provincianos com muita honra, um e outro foram conduzidos ao comando de seus países em meio à incerteza e à comoção geral pela morte de antecessores carismáticos — Franklin Delano Roosevelt e Tancredo de Almeida Neves.

Com o falecimento do legendário Roosevelt, já em seu quarto mandato consecutivo (abril de 1945), o vice-presidente e ex-senador Truman assumiu o leme do colosso americano na última etapa da Segunda Guerra Mundial. Pouco depois da posse, surpreendeu os que já se impacientavam com sua timidez e indecisão, ao ordenar o lançamento da bomba atômica sobre o Japão, com a

dupla finalidade de abreviar o conflito e dissuadir o aliado soviético de se intrometer na Ásia e no Pacífico. Sua política de endurecimento com Stálin lançou as sementes da guerra fria e forjou um consenso bipartidário em política externa que só viria a desmoronar vinte anos depois, sob o impacto do Vietnam.

Com Truman, os americanos romperam velhas tradições isolacionistas para assumir o papel de superpotência hegemônica ao redor do globo, como atesta o sucesso do Plano Marshall na recuperação econômica da Europa e na contenção dos avanços soviéticos.

Na frente interna, Truman colheu mais derrotas do que vitórias. Defensor entusiástico da política sócio-econômica intervencionista adotada por Roosevelt para debelar a depressão dos anos 30, tentou aprofundar o *New Deal* combatendo a discriminação racial, o desemprego e o déficit de moradias — esforço que Sarney não teria dificuldade para identificar com sua "opção pelos pobres". E, à semelhança do que ocorre hoje com a reforma agrária no Brasil, um sólido bloco de congressistas republicanos conservadores frustrou a maioria dos programas do democrata Truman.

Bastaria, no entanto, recordar um único episódio para que ninguém se iluda quanto aos limites dessas comparações: é ao abismo existente entre as culturas políticas brasileira e americana. Em plena Guerra da Coréia, Truman reafirmou o princípio da subordinação dos militares ao poder civil, destituindo o comandante das forças americanas, general Douglas MacArthur, que, num desafio à diretriz presidencial de não escalar o conflito,

queria invadir a China comunista. Já Sarney, à medida que sua legitimidade é questionada pela opinião pública e por parcelas importantes da elite política e empresarial, converte-se em refém do exclusivo apoio militar. (É bem verdade que Truman teve a sorte de desempenhar seu mandato dentro de uma estrutura constitucional duradoura e estável, livre dos casuísmos e indefinições que perturbam a transição democrática brasileira.)

Ainda assim, resta a Sarney o consolo de que Truman, considerado hoje um dos dez maiores presidentes da História americana, amargava índices de popularidade tão baixos em 1952 que desistiu de concorrer a uma segunda reeleição, por causa dos efeitos inflacionários dos gastos militares na Coréia e de denúncias de irregularidades na máquina governamental.

Dias atrás, quando todos julgavam seu governo clinicamente morto, vítima do colapso do Cruzado, eis que Sarney, mui trumanianamente, ressurgiu com o Plano Bresser, na luta desesperada pela recuperação de sua capacidade de governar e de afirmar-se diante de uma Constituinte "rebelde" no horizonte de tempo que ele julga adequado para o arremate da transição. Como se não bastassem as experiências desses últimos e tumultuados meses de seu próprio governo, o presidente poderia colher mais uma lição da história de Truman, que teve seu primeiro choque sério com as donas-de-casa e os trabalhadores americanos ao suspender abruptamente os controles de preços que vigoravam durante a Segunda Guerra.

Paulo Kramer é professor da Universidade Federal Fluminense

JORNAL DO BRASIL

QUARTA-FEIRA
0 1/07/87